

# RESENHA

## Brava gente brasileira: patrulhas da FEB no front italiano 1944-1945

Armando Alexandre dos Santos <sup>a</sup>

**ROSA, José Eduardo do Amaral. Brava gente brasileira: patrulhas da FEB. São Paulo: Letras do Pensamento, 2019.**

A participação da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial, embora limitada ao último ano do conflito, marcou profundamente a sociedade brasileira e não foi esquecida – se bem que, é de justiça dizer, deveriam ser muito mais reverenciados e prestigiados do que são os veteranos brasileiros, muitos deles voluntários, que tomaram parte das lutas na Itália, como também no policiamento do nosso litoral.

A Editora Letras do Pensamento, de São Paulo, acaba de lançar mais um título que vem enriquecer a bibliografia disponível sobre o tema. Trata-se do livro

*Brava Gente Brasileira: Patrulhas da FEB no Front italiano – 1944-1945*, de autoria de José Eduardo do Amaral Rosa.

Costuma-se dizer que existem duas visões inteiramente dicotômicas e divergentes de uma guerra, a dos vencedores e a dos vencidos. É verdade, assim como também é verdade que quase sempre são os vencedores que escrevem a “história oficial” dos acontecimentos. Mas também podemos falar de outra divergência de enfoques, de natureza bem diversa, que ocorre entre militares que lutaram ombro a ombro, atuando no mesmo lado de um conflito.

---

<sup>a</sup> Professor. Associado correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



Refiro-me a comandantes e comandados, que geralmente têm visões muito distintas, não divergentes, mas diferentes. É natural que assim seja. O comandante considera mais o conjunto das operações, enquanto o comandado tem a atenção mais voltada para o particular. São visões complementares, que não se excluem. O comandante se concentra nos panoramas gerais e forma uma visão de conjunto, abrangente do ponto de vista tático e estratégico; ele não pode, naturalmente, perder o foco de sua atenção *major* detendo-se nos aspectos particulares e mais pormenorizados; já os comandados devem, por ofício, concentrar-se precisamente nesses aspectos *minores*, cada qual na sua alçada individual de atuação. O sucesso da operação depende da conjugação de ambos, comandantes e comandados, cada qual na esfera que lhe é própria. Tal se dá no calor da operação em curso, como também, muitos anos depois, nas memórias que cada qual conserva do conflito.

O historiador inglês Peter Burke comentou, em texto muito

conhecido e frequentemente citado, dois relatos da batalha de Waterloo. Uma exposição pormenorizada dessa batalha foi escrita pelo general que a venceu, o Duque de Wellington (1769-1852). Como ele próprio reconheceu, a vitória foi devida à providencial chegada, já no final da tarde de um dia chuvoso, das tropas do general prussiano Gebhard von Blücher (1742-1819). Até aquele momento, a decisão do combate estava incerta e havia ainda uma possibilidade muito grande de Napoleão sair vencedor. Mas a chegada de von Blücher, que vinha em marcha batida e conseguiu chegar a tempo, foi fatal para Napoleão e selou para sempre sua sorte.

Outra descrição da mesma batalha foi encontrada no diário de um soldado raso inglês que participou do combate e também registrou suas impressões e sua versão dos acontecimentos. São óticas diversas que permitem, aos historiadores de hoje, uma visão mais completa e abarcativa do grande acontecimento. Tanto o soldado quanto o generalíssimo participa-



ram da batalha. Portanto, o resultado dela deveu-se aos dois. Mas não se pode dizer que se deveu igualmente aos dois. As massas, as multidões, os anônimos, têm sem dúvida seu importante papel na História. Mas querer uma história sempre vista de baixo para cima, pode agradar à mentalidade “politicamente correta” de nossos dias, mas não condiz com a realidade dos fatos. Pois na História, muito pouca coisa se fez de grande, que não fosse obra de uns poucos. Uma cultura avançada, ensinava o historiador inglês Arnold Toynbee (1889-1975), somente pode ser construída com o trabalho de uma minoria criativa. No mesmo sentido, outro inglês, o jurista Henry Maine (1822-1888), afirmou que “tudo aquilo que tornou a Inglaterra rica e famosa foi obra de minorias, às vezes bem pequenas” (*Essais sur le gouvernement populaire*. Paris: Manoiné, 1887). E, para se falar em termos militares, nunca é demais lembrar o famoso dito atribuído a Alexandre Magno: “Eu não temeria um grupo de leões conduzidos por uma ovelha, mas

temeria um rebanho de ovelhas conduzidas por um leão.”

De qualquer forma, é sempre enriquecedor analisar os acontecimentos históricos nas duas óticas: na oficial, que normalmente provém dos grandes protagonistas, e também a partir de documentação primária de pessoas simples, que estão muito distantes dos centros de decisão do poder.

No caso concreto da participação brasileira na Segunda Guerra Mundial, é muito ampla a bibliografia existente, englobando livros técnicos de estratégia e tática militar, exposições históricas mais ou menos abrangentes e muitas obras de cunho memorialístico, geralmente produzidas por comandantes ou oficiais superiores. Além das obras clássicas – digamos assim – publicadas a respeito, incluindo memórias de participantes (a começar pelo livro de memórias do marechal João Batista Mascarenhas de Moraes, comandante da FEB), depoimentos diversos procedentes de integrantes da FEB, sobretudo daqueles que por sua posterior carreira militar, ou porque ocupa-



ram posições de destaque na vida civil, deixaram suas recordações registradas em letras de forma e em volumes impressos.

Já a visão da guerra na ótica do “pracinha”, do soldado raso ou do graduado, não é tão fácil de encontrar na bibliografia existente. Ou melhor, ela até existe, mas dispersa e perdida, ou inserida pontualmente em obras com enfoques mais generalistas, ou em blogs e sites da internet. Muitas vezes, são singelos e despretensiosos relatos pessoais, coligidos por filhos ou netos de antigos combatentes, que jamais sonharam em vê-los impressos em letras de forma.

Com muita dedicação, em anos de paciente labor, o autor, José Eduardo do Amaral Rosa – um gestor de empresas e representante comercial nascido em São Paulo 12 anos após o término da Segunda Guerra Mundial – compilou, analisou, classificou e, afinal reuniu em forma de livro dezenas desses relatos. Focalizou de modo especial a atuação das patrulhas de pracinhas; numa introdução breve, mas densa, contextualizou devidamente o en-

vio da FEB para a Itália e forneceu explicações técnicas indispensáveis para o leitor leigo, não acostumado com a terminologia militar. Seu trabalho vem preencher uma grave lacuna na bibliografia brasileira e, sobretudo, vem saldar uma dívida de justiça e de gratidão a tantos heróis anônimos que na Europa derramaram seu sangue pela nossa Pátria.

O autor, assim como eu, que fui convidado pela editora a redigir o prefácio, pertencemos a uma geração que nasceu depois do fim da Guerra, mas foi muito influenciada por ela. Ambos passamos nossa infância e nossa adolescência ouvindo, dos pais, tios e professores, inúmeros testemunhos sobre a Segunda Guerra Mundial. Mesmo brasileiros civis e não mobilizados, que não tiveram a glória de ser incorporados à FEB, todos de alguma forma colaboraram para o esforço comum de guerra. Relatos sobre os automóveis de gasôênio, sobre os *blackouts* que nossas cidades, especialmente as costeiras, faziam à noite, embalsam nossas infâncias. No meu caso concreto,



tive a feliz oportunidade de ter acesso a uma rica coleção de “Seleções do Reader’s Digest” encontrada na casa de um tio, cobrindo quase toda a década de 1940 e a de 1950. Li, ou melhor, devorei toda essa coleção de revistas que traziam invariavelmente, a cada número, 5 ou 6 matérias sobre a Guerra.

O autor desde muito jovem estuda a Segunda Guerra Mundial e, de modo particular, a participação que nesse conflito teve o Brasil.

Eu sempre quis saber como os jovens pracinhas, daquela época, se sentiam ao serem convocados, ou qual o motivo que levava a se apresentarem voluntariamente, e como se comportaram no campo de luta. Queria saber por que a maioria da classe estudantil (universitária) não se apresentou à FEB, sendo ela uma das principais correntes ideológicas que clamaram pela declaração de guerra. Onde estavam aqueles que, nas diversas fotos da época, aparecem estimulando a massa popular a exigir a guerra? Quantos foram desses, que saíram às ruas pressionando o governo Vargas a vingar nossos mortos, dos torpedeamentos em nosso litoral,

que se apresentaram às fileiras da FEB? (p. 35).

Uma razão de alegria me proporcionou a leitura da obra do Dr. José Eduardo do Amaral Rosa: a menção carinhosa e profundamente justa que faz do saudoso Dr. Tulio Carvalho Campello de Souza, que conheci muito bem em Pindamonhangaba, e com o qual mantive largas conversações, na década de 1970. Ele foi precisamente um dos jovens que, na Faculdade de Direito, mais se destacaram na oposição ao nazifascismo. E, coerente com suas ideias, foi dos primeiros que se apresentaram como voluntários para a FEB.

Ele falava muito sobre suas recordações de guerra, sobre seu ferimento em combate, sobre o tratamento bem sucedido que recebeu nos Estados Unidos. Conheci também sua Mãe, D. Maria Carvalho Campello, que muitas vezes me narrou, de modo tocante, sua visão pessoal do conflito, como mãe aflita que recebeu, certo dia, a notícia de que o filho fora ferido, mas cujos pormenores não estavam inteiramente claros. Como mãe,



tendia a ver o quadro de modo mais trágico do que realmente foi. Conheci também dois colegas do Dr. Túlio, seus contemporâneos de Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, que me narraram várias vezes o ambiente de entusiasmo que tomou conta das velhas Arcadas quando o Brasil entrou no conflito. Foi nesse ambiente que se apresentou como voluntário o Dr. Túlio. Seus colegas, que não escondiam a admiração pelo Dr. Túlio, eram os Drs. José Fernando de Camargo e o Deputado Israel Dias Novaes. Fazia parte da mesma turma, ou pelo menos foi contemporâneo deles, o deputado Ulysses Guimarães, que não cheguei a conhecer pessoalmente.

Em resumo, trata-se de um livro desprezioso, mas denso em conteúdo e, sobretudo, muito oportuno. Depois de décadas de sistemática demolição das grandes figuras da nossa História, parece afinal chegada a hora de as novas gerações brasileiras se voltarem para o passado, que deve ser visto tal como realmente ele foi, com suas sombras, sem dúvida, mas com a

intensa luz que nunca deixou de brilhar ao longo dos 520 anos de nossa existência.

O livro aqui resenhado constitui, acima de tudo, um indispensável ato de justiça para com o soldado brasileiro que lutou na Itália, aquele soldado que, nas palavras do autor,

representa a miscigenação das raças, da gente humilde de toda parte do país, da simplicidade, da humildade, do alto poder de improvisação, adaptação, resignação e resistência às adversidades, da sua determinação e do seu estoicismo nas horas críticas, da alegria natural e descontraída, da camaradagem espontânea, do respeito e do sentimento de solidariedade [...]. A impressão que nos passa, em todos os escritos por esses pracinhas, era a preocupação permanente em não decepcionar seus familiares, seus compatriotas aqui no Brasil e, principalmente, seus companheiros de luta, pois, apesar da sua simplicidade de ser, sabiam que ali estavam representando o nosso Brasil... (p. 17-18)